

situação de exploração, que é natural principalmente em crianças, tem utilidade além do que ocorre dentro da cabeça de um único indivíduo que estuda algo. Parece que a tática também pode ser praticada por um grupo de dois ou mais indivíduos em troca constante de frases e sentenças<sup>3</sup>.

## Juntando as partes: completando a dialética

Chegou a hora de juntarmos Sócrates e Aristóteles com Análise e Síntese.

Nossa próxima tarefa é considerar de que forma uma interação entre dois argumentadores pode ser vista como um processo de geração de conhecimento. Isso está relacionado ao conceito de dialética que, como vimos, é uma palavra associada a debate. [☞etimologia] Imagine que Sócrates pudesse ser revivido e trazido até nós. Imagine que ele tivesse participado de nossa análise do motor do automóvel que

### etimologia

A etimologia da palavra dialética nos mostra que ela provém do latim ‘dialectica’ que, por sua vez, vem do grego ‘dialektike’, que significa discussão ou debate (Cunha 1982). Vamos usar aqui apenas uma das muitas interpretações que esta palavra possui atualmente. Nosso uso mantém maior proximidade das noções da dialética conforme vistas por Jean Piaget (1980). Dessa forma, não procuramos atrelar nossas interpretações a nenhuma das extensões político/sociais, como a da dialética materialista de Hegel e Marx (veja Gadotti 2000).

acabamos de ver. É possível imaginar o que ele faria? Provavelmente estaria bufando em nossa nuca perguntando “mas por que você acha isso?”.

Em nossa tentativa de responder a Sócrates, iríamos desfilar nossos motivos, as razões que nos fazem acreditar, por exemplo, que o pistão e a biela têm como função conjunta um deslocamento de “vai-e-vem”

em linha reta. O processo de justificar e pensar no porquê é alimentado por questionamentos ou então *por idéias que sugerem o oposto do que achamos*. [☞Popper] Se eu sugeri algo, então eu propus uma *tese*. Minha tese pode ser suportada

### Popper

Cabe aqui mencionar uma das mais importantes contribuições ao pensamento científico do século XX, aquela feita por Karl Popper. Popper advogava que as formas indutivas de obter conhecimento são problemáticas para a ciência e esta deveria esforçar-se em obter conhecimento através da “falseação” das teses que cogitamos. Nos próximos capítulos vamos ver um pouco mais sobre isto.

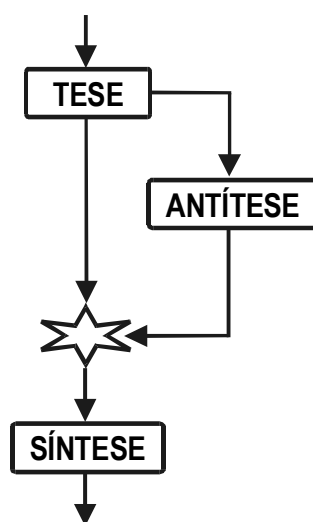
por opiniões ou por *evidências*. Sócrates faria comentários irônicos, sugerindo o oposto do que eu estou propondo. Ele introduziria uma *antítese*, que é, no final das contas, uma forma de me obrigar a pensar nas possíveis

justificações que posso encontrar para sustentar minha tese. Deste ponto, há pelo menos três alternativas possíveis:

- a) Eu estou certo em minha tese e consigo demonstrar isto através de argumentos;
- b) Sócrates está certo em sua antítese, ele me fez perceber falhas em meus argumentos;
- c) Há algo que transcende o pensamento de *ambos*, uma nova forma de interpretar a questão.

Justamente por estarmos avaliando um elemento desconhecido para nós — afinal, estamos ambos investigando o novo — vamos frequentemente ser surpreendidos com a alternativa (c). Ambos, Sócrates e eu, teremos que reavaliar nossas noções, provavelmente efetuando uma combinação de partes de nossos pensamentos e argumentos, unindo os pontos fortes e descartando os fracos. Em suma, estaremos efetuando *uma síntese*.

Este é o ponto o qual era preciso chegar. A síntese procura observar o problema que tínhamos, levando em consideração a argumentação dos dois lados, tentando obter o máximo de consenso. Pronto. Obtivemos o consenso. Acabamos com a história? Claro que não, subimos apenas mais um degrau da imensa escada do conhecimento — escada essa que, para a ciência, parece não ter fim. A síntese que obtivemos vai nos levar a um novo patamar, a uma nova posição a partir da qual enxergaremos novos horizontes e de onde perceberemos novas questões sem resposta. *Esse novo patamar será o ponto de partida de um novo ciclo de análise/síntese, tese/antítese.*



### Subindo a escada do conhecimento

Vimos que para cada tese podemos interpor uma antítese. Isto, obviamente, fomenta um combate de idéias. Desse conflito, surge a necessidade de obter consenso, a síntese. Esse processo nos leva a um reconhecimento de novas facetas do problema e ambos os debatedores parecem avançar um pouco. Assim a dialética, ou debate, prossegue.

A dialética teve diversas implicações no pensamento filosófico universal. Uma dessas implicações foi desenvolvida por Georg Hegel (1770-

1831), que observava a progressão da história humana como uma série de seqüências dialéticas. Em um sistema social qualquer, começavam a crescer contradições internas que forçavam a reavaliação das teses e o posterior encaminhamento — não raro, via revoluções — para uma posição de síntese. Esta passava ao estágio seguinte como o paradigma dominante, até o momento em que novamente surgiam pressões internas, seguidas de conflitos, e assim o processo se desenvolvia. Mas nosso foco aqui é a ocorrência desse processo não em um meio social, mas sim no interior da mente das pessoas, quando estas se esforçam para aprender algo.

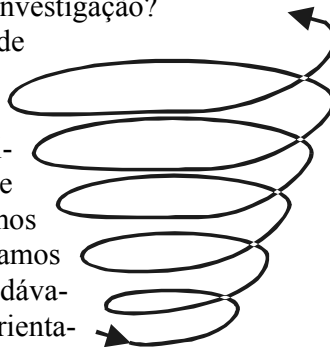
A noção que quero enfatizar aqui é a de que nem tudo de importante é obtido simplesmente por um aumento no número de fatos que aprendemos. Nem sempre podemos dizer que aprendemos algo simplesmente porque decoramos um conjunto novo de fatos ou asserções.

Justamente por introduzir associações e relações entre noções novas, o processo dialético melhora a nossa *condição perceptual*. A cada nível que subimos, adicionamos não apenas novas idéias e novos conceitos, mas também *novas maneiras de enxergar o mundo à nossa volta*. É muito natural que nossa visão do mundo seja alterada por essas experiências. Novas experiências vão alterar nossas formas de conceituar as coisas. Quando crianças, aprendemos que tomates são vegetais vermelhos, do tamanho aproximado de uma laranja. Que acontece quando nos deparamos com um tomate-cereja? Precisamos aprender algo que não está no nível das asserções e proposições, mas está no nível do conhecimento perceptual.

### Voltando ao começo

Chega a hora de fazer uma pergunta essencial: o que aconteceria se revisássemos *o nosso ponto de partida* com esses novos olhos que adquirimos? Que acontece se reavaliarmos nossas noções iniciais, aquelas que alimentávamos quando iniciamos nossa investigação?

Observar novamente as origens de nosso caminho significa reavaliar nossas decisões e conceitos passados, ou seja, *revisar nossas premissas*. A “espiral do conhecimento” acontece quando temos a oportunidade de *repensar* as idéias e noções que havíamos assumido como verdadeiras quando iniciamos nossa jornada. Significa reavaliar aquilo que dávamos por certo, aquilo que foi nossa primeira orientação de caminho a seguir, os nossos “axiomas”. Pode ser que agora, por termos uma percepção da questão mais apurada, tenhamos que descartar ou revisar alguns desses conceitos.



De certa forma, estou propondo aqui que ocasionalmente façamos uma revisão daquilo que sempre achávamos ser inalterável, certo e confiável. Isto pode ser feito em vários níveis.

### **penal**

Desde 1940, o Código Penal brasileiro utilizava a expressão “mulher honesta”. Se àquela época essa expressão fazia sentido, no mundo de hoje já não faz mais. Em 29 de Março de 2005, o presidente Luis Inácio Lula da Silva sancionou mudanças no Código Penal brasileiro que modernizou a linguagem utilizada. Além de fazer desaparecer as menções a “mulheres honestas”, o texto jurídico também renova várias noções. O “crime de adultério” deixou de ser considerado crime, sendo agora tratado apenas na esfera cível, quando referente à dissolução de um casamento. Agora, segundo o novo código, tanto os homens quanto as mulheres podem ser condenados por “induzir, mediante fraude, alguém a praticar ou submeter-se à prática de ato libidinoso diverso da conjunção carnal”. Anteriormente a essa data, apenas os homens estavam sujeitos a esse entendimento. Essas novas interpretações seguem de perto o espírito de igualdade entre homens e mulheres que vem sendo reforçado desde a reforma constitucional de 1988. Todas essas alterações refletem um avanço da sociedade brasileira, avanço esse que só ocorre porque é possível discutir e reavaliar as posições historicamente aceitas.

Podemos fazer isto ao terminar um trabalho de alguns dias ou de atividades com as quais nos ocupamos por vários anos. Podemos fazer isto para noções cognitivas, mas também para práticas sociais, éticas e morais. Este tipo de postura não costuma encontrar paralelo em doutrinas (ou filosofias, religiões, seitas, etc.) que se propõem a fixar normas morais estanques e imutáveis. O progresso de uma sociedade pode ser aferido pela oportunidade e liberdade que se tem de revisar e discutir aquilo que hoje parece inade-

quado. [☞penal] A idéia central proposta aqui não é “encontrar as verdades últimas”, mas sim permitir a discussão e o debate daquilo que historicamente foi aceito, de forma a refinar e adequar essas noções à nossa situação presente e futura.

## **Um exemplo de debate informal**

Vamos ver aqui um exemplo de debate informal, no qual adicionei comentários para tentar enriquecer o que podemos obter da situação. [☞plausível] O exemplo também serve para apresentar um pouco da terminologia típica da análise de argumentos, que veremos em maior detalhe no próximo capítulo. Fernando e Roberto são amigos de Joana. Os dois a conhecem há algum tempo, mas vão discutir sobre uma faceta de sua situação pessoal que parece ser novidade para ambos.